



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



João Paulo Ferraz de Souza

Mídia-educadores – A formação como construção coletiva
A atuação de mídia-educadores e sua relação com grupos de jovens
nas favelas cariocas

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Comunicação da PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Mídia, Tecnologia da Informação e Novas Práticas Educacionais.

Orientadora: Profa. Dra. Stella Maria Peixoto de Azevedo Pedrosa

Rio de Janeiro,
03 de março de 2008

Resumo

Através desta dissertação mostro como vem se desenvolvendo o trabalho do mídia-educador na favelas e nas periferias cariocas. Como se realiza sua formação e seus relacionamentos com os diversos grupos de educandos, principalmente jovens.

Trago ainda exemplos de educação intercultural como “ponte” para aproximar a academia do saber popular e o “asfalto” da favela, possibilitando a diminuição das desigualdades sociais e promovendo o acesso a cultura.

Sumário

Introdução

Capítulo 1 – Os educadores

Capítulo 2 – Uma breve descrição dos projetos e das organizações

Capítulo 3 – A relação dos mídia-educadores com os grupos de jovens e o processo de formação

Conclusões

Introdução

Iniciei meu projeto desenvolvendo um tema relevante ao meu trabalho “Jovens da favela e da periferia e projetos de comunicação”; e que formulava a questão principal: Os jovens da favela e da periferia que participam de projetos de comunicação, transformam seu olhar sobre a comunidade ou sobre as principais questões da sociedade brasileira como desigualdade social e violência? E como acontece esta transformação?

Colocar os jovens como atores estratégicos no desenvolvimento local e em contato com uma cultura globalizada, para isso utilizando-a como fomento na construção do processo de formação deles mesmos, possibilitando-os perceber sua identidade e desenvolver o conhecimento apropriado para avaliar e interpretar os significados. No caminho do desenvolvimento deste processo os jovens atuam diretamente na criação, recriação e modificação destes significados. E após o momento de formação, estes jovens estarão prontos para participarem, coletivamente, na socialização da sua cultura, na compreensão e troca de outros significados e na afirmação e transformação de sua identidade.

Para isso, cada vez mais eles se utilizam da mídia e das Teorias da Informação e da Comunicação (TIC) para realizar ações comunicativas através de todos os meios tecnológicos acessíveis, que na realidade carioca tem uma forte representação no audiovisual. Desenvolvi este texto baseado na minha prática com os projetos canal Futura e Jovens Urbanos.

Nestes projetos trabalhei diretamente na formação de educadores, e consequentemente, na minha própria formação, desenvolvendo metodologias para trabalhos com jovens utilizando a mídia como ferramenta para motivar discussões e elaborações de projetos, e na produção de mídia para apresentar idéias, identidade e cultura. Também trabalhei no despertar para um novo olhar sobre a mídia, ou seja, construindo com eles uma percepção crítica sobre os produtos midiáticos: a intenção do artista, as mensagens subliminares e o poder da mídia.

Com a orientação destes educadores e o apoio de organizações civis e do poder público estes jovens estão cada vez mais capacitados a produzirem nas diversas possibilidades de ferramentas de audiovisual: vídeo, cinema, celular,

câmera fotográfica; formando assim indivíduos com competências cognitiva, comunicativa e interativa através da mídia-educação.

Pensei então em focar a análise desta monografia no trabalho de alguns educadores, através de entrevistas, onde buscaria os principais temas trabalhados pelos jovens, projetos e de que forma acontecia a transformação deles durante o período de formação. Mesmo sendo muito subjetivo achei que conseguiria captar, pelos educadores, esta transformação. Além disso, faria dois estudos de caso para fundamentar estas percepções. Conforme fui realizando as entrevistas comecei a perceber que estes educadores tinham em sua trajetória de formação, como educador popular, muitos pontos de semelhança, pontos esses que também fazem parte da minha história. Neste momento, mudei o foco da análise para a trajetória destes educadores, que construíram sua metodologia de trabalho coletivamente com os grupos de jovens, em projetos de mídia-educação nas favelas e periferias do Rio de Janeiro. Não modifiquei o tema, pois muitos destes educadores começaram jovens e transformaram suas histórias e seu olhar para a favela/periferia a partir da sua formação para o audiovisual.

Esta dissertação terá o seguinte formato: a introdução onde escrevo sobre o porquê da escolha do tema e como cheguei ao formato final. No primeiro capítulo apresento uma breve descrição da metodologia, o roteiro das entrevistas e o perfil dos entrevistados. No segundo capítulo apresento os projetos e ONGs onde os entrevistados trabalham e desenvolvem suas atividades. Neste capítulo a base das informações será retirada dos sites de referência destas instituições. No terceiro, desenvolvo o tema proposto com base nas informações das entrevistas e na minha própria experiência em projetos de mídia-educação. No último capítulo apresento minhas conclusões sobre como, intuitivamente, estes educadores populares desenvolveram uma metodologia de trabalho baseada na prática e na construção coletiva com o educando.

Capítulo 1

Os educadores

Realizei entrevistas com seis educadores que atuam a mais de cinco anos com jovens das favelas/periferia carioca. Tiveram sua formação como educadores baseada na prática e na construção coletiva. Todos trabalham em organizações não governamentais, com a idéia de formação de multiplicadores. O foco de suas capacitações é o audiovisual e, em geral, o público beneficiado são jovens de classe pobre, moradores de favelas cariocas. A orientação da capacitação é formar ou despertar, jovens e adultos para o audiovisual. As oficinas e capacitações são, no mínimo, de seis meses.

As entrevistas tiveram em média uma hora cada e utilizei um roteiro como base das entrevistas. Dividi-o em três blocos:

Bloco 1 – Identificação e trajetória do entrevistado: nome, as instituições onde trabalha, que atividades desenvolve e como começou a atuar como formador em audiovisual;

Bloco 2 – Sua relação com os jovens/educandos: como se desenvolve a relação do grupo com o educador, quais os principais temas discutidos pelo grupo durante a elaboração das idéias e intenções, como o grupo se relaciona com a produção e, na sua percepção que tipo de transformação acontece com os jovens durante a formação;

Bloco 3 – Mídia-educação: o que é mídia-educação e você se considera um mídia-educador?

Iniciarei fazendo um breve relato da minha história de formação, pois ela é importante na contextualização das conclusões. Logo após entrarei na descrição da formação dos entrevistados. No início de cada apresentação destaco uma frase tirada da entrevista. Estas possuem grande importância na caracterização do pensamento dos entrevistados em relação ao tema.

Minha história:

João Ferraz, 39 anos, profissional liberal na área de consultoria em projetos socioculturais e educativos. Possuo formação em Engenharia Elétrica com ênfase

em produção, com 4 anos de trabalho na área. Em paralelo, cursei a Escola de Artes Visuais do Parque Lage. Logo após comecei a trabalhar na Fundação Roberto Marinho como assistente de educação, depois técnico em educação e então assumi a coordenação de projetos sociais com foco em comunicação pela área de mobilização comunitária do canal Futura. Um trabalho que juntava o conhecimento de diversas áreas: educação, social, cultura e comunicação. Percebi o potencial educativo/transformador que possui os projetos de comunicação, e através deste trabalho comecei a viajar pelo Brasil desenvolvendo formação de jovens e educadores utilizando o conteúdo dos programas de televisão para trabalhar temas transversais. Projetos que complementavam o trabalho dos professores e da família, pois educava para a cidadania. Identifiquei-me fortemente com a construção do subjetivo das pessoas através de conceitos como cidadania, ética, valores, coletivo e respeito. Trabalhei com diversos educadores sempre promovendo o pluriculturalismo, respeitando a diversidade e construindo redes de troca entre grupos diversos. Minha experiência na área de educação e comunicação é toda na prática. Após o canal Futura, trabalhei como coordenador de projetos para o CENPEC desenvolvendo o Programa Jovens Urbanos, projeto para jovens e educadores que possui o foco em circulação e tecnologia. Hoje estou finalizando a pós-graduação em Mídia, Tecnologia da Informação e Novas Práticas Educacionais oferecido pelo departamento de educação em conjunto com o departamento de comunicação na PUC Rio.

Os entrevistados:

“Minha primeira experiência com o vídeo foi com um grupo de jovens, participando da oficina. Fomos construindo, juntos, nossa experiência.”

Carlos Augusto, 40 anos, educador do núcleo de comunicação da Rede CCAP, ONG que desenvolve um trabalho no bairro de Manguinhos, e fundador da TV Tagarela, um projeto social e de comunicação que se desenvolve na Rocinha. Tem a formação incompleta em Filosofia e iniciou sua formação em audiovisual através de oficinas desenvolvidas pela ASPA (Associação Padre Anchieta - Rocinha), hoje, possui uma experiência de 10 anos no trabalho com jovens e como coordenador da TV Tagarela, produtora que surgiu durante as oficinas de sua formação, e hoje funciona como um projeto social, capacitando

jovens e desenvolvendo trabalhos sócio-culturais, além de continuar desenvolvendo trabalhos de produção de vídeo – entrevista realizada em 15/01/2008.

“Adolescente de classe mais pobre tem essa coisa, quando chega aos 14 anos tem que ir trabalhar.”

Fabiana Melo Souza, 26 anos, educadora do núcleo de comunicação da Rede CCAP (Manguinhos) e participa do núcleo da TV Tagarela (projeto social e de comunicação - Rocinha). Possui o ensino médio e iniciou sua formação em vídeo através de oficinas realizadas pela TV Tagarela. Teve como base de sua formação as trocas de experiências com outros profissionais e a prática que foi o que realmente a formou nas técnicas de gravação. Aos 17 anos entrou para a TV Tagarela, mas aos 14 anos já havia participado de uma oficina em audiovisual, que a despertou para esta formação. Não pode dar continuidade naquele momento, pois teve que trabalhar em loja para ajudar a família – entrevista realizada em 15/01/2008.

“Minha formação sempre foi prática, foi a melhor escola que eu podia ter. Agora que estou fazendo comunicação.”

Luiz Carlos Lima Silva, 38 anos, profissional liberal, trabalha com projetos no CECIP (organização não governamental que trabalha com capacitação para jovens em audiovisual e como produtora de vídeo e cinema) e na Casa da Ciência em Botafogo. Possui sua formação em vídeo somente com a prática. Está a 20 anos na área e começou na TV Maxambomba: projeto do CECIP na Baixada Fluminense que circulava numa Kombi e apresentava programas, num telão, sobre meio ambiente, saúde, direitos, e promovia o debate com o público que assistia na rua. Depois o projeto passou para dentro das escolas, utilizando programas produzidos pelo próprio CECIP. Logo após, participou de outro projeto chamado “Repórter de bairro”, que instrumentalizava jovens para produzir vídeos, mostrar à comunidade e promover o debate sobre os temas. Na Casa da Ciência trabalha com a produção de programas e capacitação de professores para o uso do vídeo como ferramenta pedagógica. Hoje está cursando Comunicação Social – entrevista realizada em 11/01/2008.

“Eu sou uma multiplicadora do Nós do Morro, trabalhamos com essa idéia de multiplicação... as pessoas tem que comprar a idéia do projeto.” (...)“Não preparamos as pessoas para ir embora, e sim formamos grupos, núcleos, que trabalhem fora, mas também no Nós do Morro para a comunidade.”

Luciana Bezerra, 33 anos, coordenadora do Núcleo de Audiovisual do Nós do Morro no Vidigal e cineasta. Já dirigiu alguns curtas premiados e foi assistente do Cacá Diegues. Possui formação em teatro (arte educadora) e cinema pelo Nós do Morro. Está na instituição há 15 anos. Oficialmente se formou no ensino médio. Tentou fazer vestibular para universidade pública, mas não conseguiu passar. Na época o Nós do Morro não apoiava diretamente esta ação, mas agora existe um apoio de uma assistente social. Além disso, o Nós do Morro já exigia uma carga horária de trabalho muito pesada – entrevista realizada em 11/01/2008.

“Não pode ser só prática, tem que ter teoria.”

Rosane Svartman, 38 anos, cineasta e educadora do Nós do Morro. Possui formação em cinema pela UFF. Saiu da faculdade direto para a prática, neste momento pegava qualquer trabalho: edição, produção, assistente. Foi então que conheceu o Guti Fraga (dirigente fundador do Nós do Morro) durante um trabalho de assistente de elenco para uma produtora canadense, realizou alguns testes no Nós do Morro e se apaixonou pelo trabalho. Já possuía a produtora Raccord, mas era uma empresa de quatro sócios que emitia notas para os projetos particulares de cada um. Após a realização de um curta com o grupo de teatro do Nós do Morro, veio a idéia de montar um curso de cinema, pois os atores tinham curiosidade de saber o que acontecia atrás das câmeras. *“Eu não sabia muito bem como era dar aula. Naquela época não existia DVD, o vídeo cassete era muito recente e caro. O acesso ao VHS era muito limitado e o conhecimento dos meninos sobre isso era quase zero. Como mostrar as possibilidades do audiovisual sem menosprezar o conhecimento destes jovens?”*. Então ela resolveu montar uma proposta diferenciada: pegava o grupo uma vez por semana e levava para o CTAV na Avenida Brasil para assistir curtas, pois era única forma de se assistir curtas naquela época que não fosse à sala de cinema. Assistiam curtas de grande impacto: Velha Fiar, Ilha das Flores, O ódio; e debatiam. Depois o VHS começou a ficar mais fácil de adquirir e o grupo começou a assistir no Nós do Morro, e incrementou a idéia com debate com profissionais da área. O curso

começou a adquirir sustentabilidade, conseguiram uma câmera VHS, depois uma “High Eight”, e ela, muito na intuição e propondo uma construção coletiva, desenvolveu a metodologia usada no primeiro curso de formação de cinema do Nós do Morro com teoria (história do cinema, planos, imagem ...) e prática: exercícios de roteiro, produção e edição. Realizado sem patrocínio, só com parcerias e força de vontade. Ela se guiou pelo que ia dando certo com os jovens. Hoje está fazendo um mestrado em estética: o retorno à academia foi para reciclagem da teoria – entrevista realizada em 23/01/2008.

“A TV Morrinho foi uma proposta transformadora na vida destes jovens.”

Fábio Gavião, 39 anos, editor e fundador da TV Morrinho: organização não governamental que funciona como produtora de vídeo e projeto de artes plásticas, localizada na favela do Pereirão em Laranjeiras. Sua formação foi na prática, após rápidas passagens pela universidade: seis meses em arquitetura e seis meses em letras, começou a trabalhar aos 18 anos como assistente do Hamilton Vaz Pereira. Depois trabalhou em produtoras como a Conspiração, TV Zero, Cara de cão. Realizou diversas atividades: produção, design, edição, assistente de direção, até que optou pela edição. Trabalhou por quatro anos como assistente do João Paulo Carvalho e em 2001 começou a dirigir alguns curtas e programas políticos – entrevista realizada em 25/01/2008.

Todos os entrevistados foram muito solícitos e espontâneos. Para análise inicial e desenvolvimento do tema, vou dividi-los em dois grupos: primeiro grupo formado pelo Carlos Augusto, Fabiana e Luiz Carlos; e o segundo grupo formado pela Luciana Bezerra, Rosane e Fábio. Utilizarei a entrevista com a Luciana como ponte para chegar a Rosane e ao Fábio que possuem uma realidade socioeconômica diferente, e uma relação com a favela, também diferenciada.

Capítulo 2

Descrição dos projetos e das organizações

As informações sobre projetos e instituições são copiadas, com algumas modificações dos *sites* oficiais. Se não tiver, através de pesquisa em *site* com referência confiável. Ao lado de cada projeto ou organização identificarei o *site* de onde foi retirada a informação:

Canal Futura (www.futura.org.br)

É um projeto social de comunicação, da iniciativa privada e de interesse público, que nasce e se constrói em parcerias. Uma TV atrativa e educativa, que desenvolve um trabalho com redes sociais, mobilizando comunidades e instituições sociais. Atua colocando em conexão pessoas, idéias, redes e instituições.

O Futura transmite valores e informações úteis ao cotidiano da população, vinte e quatro horas por dia, todos os dias. Alcança crianças, jovens, famílias e trabalhadores. Cria uma linguagem plural para abordar temas de importância e interesse coletivo. Fala de saúde, trabalho, juventude, educação, meio ambiente e cidadania. Um aliado do brasileiro na busca da construção de uma vida melhor.

No Canal Futura, o público interage com a programação, trabalhando os conteúdos e aplicando-os ao seu dia-a-dia: diferentes grupos sociais ampliam seu diálogo e articulação locais; pessoas e grupos expandem suas capacidades comunicativas, exercitando novas formas de falar de si mesmos e com os outros. Novas gerações participam da criação de uma linguagem televisiva, na qual a pluralidade dos segmentos sociais se manifesta.

Educação nos Trilhos (www.futura.org.br)

Criado em 2000 em parceria com a Fundação Vale do Rio Doce, o “Educação nos Trilhos” é um projeto sócio-educativo que acontece nas estações e nos trens de passageiros da Companhia Vale do Rio Doce. Utilizando a programação do Canal Futura associada a ações de mobilização, o projeto contribui para a melhoria da qualidade de vida dos usuários e das comunidades ao longo das ferrovias. Por ano, são beneficiadas cerca de **500 mil** pessoas que

circulam pelas Estradas de Ferro Carajás (PA e MA) e Vitória a Minas (ES e MG).

O projeto divide-se em duas etapas, Estação Conhecimento e Teletrem.

Estação Conhecimento: Nas estações, antes da chegada e partida do trem, são exibidos vídeos com programas do canal Futura e são realizadas atividades pedagógicas, sociais e de entretenimento com orientação de mobilizadores comunitários, que levam os participantes a aprender brincando. São promovidos debates, oficinas temáticas (educação para a cidadania, educação ambiental, saúde, etc.) e eventos, envolvendo os viajantes e acompanhantes.

As Estações Conhecimento funcionam diariamente na Estrada de Ferro Carajás, que liga a capital do Maranhão ao sul do Pará (estações de São Luís, Santa Inês, Açailândia, Marabá e Parauapebas), e na Estrada de Ferro Vitória – Minas, que liga os estados do Espírito Santo e Minas Gerais (estações de Cariacica, Baixo Gandú, Aimorés, Governador Valadares e Belo Horizonte).

Teletrem: Durante a viagem são transmitidos os programas do Futura. Uma faixa de programação especial é produzida mensalmente e veiculada dentro dos trens. Os programas são selecionados de acordo com pesquisas que ajudam a definir as necessidades e demandas dos usuários do trem.

Programa Jovens Urbanos (www.cenpec.org.br)

O PJU é uma iniciativa da Fundação Itaú Social com Coordenação Técnica do CENPEC. Caracteriza-se por um conjunto de ações de formação para 480 jovens de 16 a 21 anos moradores de grandes cidades, desencadeado por organizações locais e por assessores e parceiros especializados em diversas áreas de produção tecnológica. Tais ações de formação desenvolvem-se durante um período de 16 meses. Os jovens envolvidos participam de três encontros semanais com duração de quatro horas por dia. Neste período é desenvolvido o processo formativo sob responsabilidade dos educadores das ONGs. Ao mesmo tempo ocorrem experimentações e explorações realizadas por parceiros ou assessores tecnológicos. Ao longo dos dez primeiros meses, os jovens também elaboram projetos de intervenção que são acompanhados e implementados durante os seis meses seguintes.

A formação tem como cenários a Cidade, a Cultura e a Tecnologia privilegiando a interferência desses aspectos na vida cotidiana dos jovens

participantes. Para tanto, o PJU tem um caráter democrático e inovador na vida juvenil. Democrático na medida em que focaliza a cidade como direito de todos, fomentando a inserção dos jovens em espaços e fatos desconhecidos, incentivando a ampliação de repertórios culturais e o usufruto de direitos, propiciando acesso ativo a saberes e culturas em movimento nos cenários urbanos. Inovador na medida em que os jovens serão convidados a elaborar produtos e projetos vinculados ao mundo da tecnologia, aos seus desejos e às demandas das cidades, de maneira a modificar suas próprias vidas e a de outros.

O PJU caracteriza-se, também, por um arranjo institucional composto por parcerias com órgãos públicos, empresas públicas, empresas privadas ou de economia mista, instituições do terceiro setor, instituições representantes do campo das artes, do mundo do trabalho entre outras. As relações institucionais mobilizadas pelo Programa sustentam-se numa perspectiva de ação pública em rede e pela necessidade de legitimidade e suporte institucional e político às ações de intervenção junto ao público juvenil.

Em 2006/2008 foi desenvolvido na cidade do Rio de Janeiro nos distritos de Santa Cruz: Paciência e Antares (Zona Oeste) e nos distritos de Manguinhos e Jacarezinho (Zona Norte).

TV Tagarela (www.tvtagarela.org.br)

A TV Tagarela surgiu a partir da Oficina de Criação de Vídeo no início de 1997 na comunidade da Rocinha. A oficina era direcionada a adolescentes entre 14 e 18 anos. A princípio desejava-se apenas, como de hábito, utilizar a atividade como “gancho” para discutir com os adolescentes, questões ligadas à cidadania. A partir de 1998 o grupo se organizou e passou a produzir vídeos regularmente, atuando como uma TV comunitária de rua.

As produções são em grande parte contextualizadas na Rocinha e depois apresentadas à comunidade em um telão no Largo do Boiadeiro, onde utiliza-se a câmera aberta como forma de interação com a população que pode dar opiniões sobre o tema em questão, fazer críticas e apresentar as suas sugestões. Até o final de 2002, o grupo trabalhava com equipamentos próprios, comprados em nome da instituição que o abrigava.

No início de 2003, a entidade, com dificuldades financeiras, passou toda a estrutura da TV Tagarela (câmera, acessórios, projetor e telão, ilha de edição, sala

de aulas etc.) para uma outra ONG. O grupo, no entanto decidiu continuar o seu trabalho, realizando as suas atividades como grupo informal. Durante todo o ano de 2003 o grupo ficou sem equipamentos para as suas atividades e sem espaço para: os seus encontros, organização e centralização do seu material (acervo de fitas, arquivos, etc.), A alternativa encontrada para contornar o problema foi sensibilizar outros grupos e instituições que, dentro das suas possibilidades, emprestavam seus equipamentos para a realização do trabalho da equipe. No meio do mesmo ano, o grupo conseguiu uma câmera digital-8, através de um projeto enviado para a FASE, contornando parte do problema. Então recomeçou o trabalho com a participação no vídeo “Entre muros e favelas”, documentário que fala sobre a violência policial nas favelas do Rio de Janeiro, produzido pelas TVs AKRAAK da Alemanha, ATREVER de Manguinhos e TV Tagarela da Rocinha.

Em 2004, outro problema foi contornado, através de uma parceria com a Associação CACOC (Cultura Arte e Comunicação Comunitária), que cedeu uma sala para funcionamento das atividades da TV.

Já em 2005, a equipe da TV Tagarela recuperou praticamente todo o seu equipamento de produção através de produções comerciais para a realização mínima do seu trabalho.

Hoje, a TV Tagarela, mesmo sem qualquer financiamento, realiza varias atividades como: exibição de rua através de telão em alguns pontos da favela, vídeos que contextualiza a Rocinha e ligadas a questões referentes a ela; Cine clube em sala fechada na sede da CACOC, com filmes nacionais de preferência que tenha alguma relação com a realidade da comunidade da Rocinha para promover uma discussão após filme, e na rua, mais voltada ao público infantil, onde muitos moradores não têm condições de ir ao cinema; Oficinas de vídeos, realizados por ex-alunos da TV Tagarela para jovens da comunidade, ensinando todos os passos básicos para a realização de um vídeo.

Tudo isso é gerado pelo trabalho e esforço de todo o grupo, e obviamente com a solidariedade de entidades como FACHA (Faculdades Integradas Hélio Alonso) que disponibiliza cursos, equipamento para gravação e ilha de edição desde a fundação da TV Tagarela, iniciada através de uma parceria com o NECC (Núcleo de Educação e Comunicação Comunitária) e posteriormente bolsas de estudos para os integrantes da TV de forma que melhorem a forma de trabalhar do grupo; a REDECCAP, organização que atua no bairro de Manguinhs com diversas

atividades educativas e sócio-culturais, que gentilmente apoiou o trabalho emprestando seus equipamentos como ilha de edição e câmera.

CECIP (www.cecip.org.br)

O CECIP - Centro de Criação de Imagem Popular é uma organização da sociedade civil, sem fins lucrativos, independente e não-partidária. O CECIP foi criado em 1986 por um grupo de profissionais reconhecidos pela qualidade de sua atuação em diversas áreas, que decidiram colocar seus saberes e experiências a serviço da construção de uma sociedade democrática, produzindo materiais audiovisuais e impressos. Sua atividade abrange também a capacitação de agentes sociais para atuarem na transformação de suas realidades, adquirindo instrumentos que lhes permitem agir sobre questões de cidadania, como os direitos à saúde, à educação e a um ambiente saudável.

O trabalho do CECIP tem sido um processo que evolui continuamente, em consequência do acúmulo de experiência, com a criação e o aperfeiçoamento de metodologias que permitem disseminar conhecimentos a públicos cada vez mais amplos.

O CECIP começou sua trajetória produzindo vídeos realizados a partir de demandas da população da Baixada Fluminense e exibindo-os em praças públicas.

A TV Maxambomba, como passou a chamar-se este projeto, foi uma das iniciativas pioneiras de TV Comunitária, que durante 15 anos inspirou atividades semelhantes em outras comunidades, fazendo com que as pessoas se tornassem conscientes da importância de seu papel na construção de suas próprias histórias. A identificação com os programas exibidos, que mostravam as dificuldades existentes e, também, seus valores artísticos e culturais, fez com que a TV Maxambomba contribuísse para despertar nessas pessoas um olhar crítico sobre os meios de comunicação e as estimulasse a participar ativamente como produtores da sua própria informação.

Durante esse período, a TV Maxambomba foi progressivamente sendo desafiada a concentrar sua atuação. Foram selecionados determinados bairros, feitas parcerias com associações de moradores e outras organizações locais. Um trabalho com adolescentes levou o projeto para dentro de escolas, apoiado por suas direções: no começo com alunos, logo depois com professores, desenvolvendo uma metodologia de melhoria da qualidade do ensino que era

verificada na prática. Os desafios que foram progressivamente enfrentados obrigaram o CECIP a modificar e aperfeiçoar sua proposta, sistematizando-a para ter maior eficiência, experimentando e avaliando permanentemente os resultados do trabalho.

A realização de documentários sobre a realidade brasileira tem sido um dos investimentos do CECIP desde sua fundação. Numa época em que as produções nacionais eram escassas, o CECIP realizou documentários com o apoio das mais prestigiosas televisões européias: a BBC e o Channel 4, na Inglaterra; o Canal+, na França; a ZDF e o canal ARTE, na Alemanha.

Respondendo a novos desafios, o CECIP passou a criar materiais educativos sobre uma variedade de temas. São kits nos quais está presente o elemento audiovisual e também publicações (manuais, cartilhas, folhetos e cartazes) que complementam e aprofundam as informações dadas pelos vídeos. Na elaboração destes materiais, o CECIP utiliza metodologias participativas, baseadas em: uma grande experiência adquirida em anos de trabalho diretamente com a população; uma preocupação com a relevância das informações a transmitir; um rigor quanto à consistência científica das informações; um compromisso com a elaboração de textos e imagens que tornem os conteúdos acessíveis a um público não especializado; um cuidado especial com a qualidade gráfica e visual dos produtos; e, finalmente, um uso generoso do humor, incorporado como elemento essencial na comunicação.

Nós do Morro (www.nosdomorro.com.br)

O Nós do Morro foi fundado em 1986, com o objetivo de criar acesso à arte e à cultura para: crianças, jovens e adultos do Morro do Vidigal. Hoje, o projeto se consolidou e oferece cursos de formação nas áreas de teatro (atores e técnicos) e cinema (roteiristas, diretores e técnicos), abrindo e ampliando os horizontes para um sem-número de crianças, jovens e adultos moradores, ou não, do Vidigal.

O Nós do Morro é fruto da idéia do jornalista e ator Guti Fraga. Fraga e um Grupo de jovens moradores locais se uniram para dar início ao então chamado Projeto Teatro-Comunidade: uma idéia inovadora, já que, até então, a maioria dos projetos culturais voltados para as comunidades carentes no Rio de Janeiro vinham de fora e nem sempre se adaptavam à realidade do público a que se destinavam.

1986 / 1991 – Começa a viagem do Nós do Morro, no Centro Comunitário do Padre austríaco-alemão Hubert Leeb. Ali, o Grupo começou a se reunir e a produzir seus primeiros espetáculos, que falavam do cotidiano do Vidigal e eram entremeados por montagens de textos clássicos da dramaturgia nacional.

1991 / 2001 – Depois de sair do Centro Comunitário do padre Leeb, o Grupo perambulou por vários espaços até conseguir se instalar nos fundos da Escola Municipal Almirante Tamandaré, em 1995. Estava iniciada uma nova fase para o Nós do Morro. O Grupo alcançou o reconhecimento da sociedade, recebeu prêmios e homenagens pela relevância do trabalho realizado.

2001 / 2007 – O patrocínio da Petrobrás, a partir de 2001, a consolidação administrativa e da metodologia pedagógica, com a criação de turmas divididas por faixa etária e de uma grade curricular, aliadas à conquista do Casarão – onde funcionam a administração e os cursos de formação – possibilitaram a expansão da marca Nós do Morro nacional e internacionalmente.

2007 – O infinito é o limite! Hoje, o Nós do Morro se prepara para o amanhã: teatro, cinema, canto, dança, música, multiplicações para outros lugares. Integração com a nossa comunidade e outras nos lugares onde foram instalados núcleos de produção com a filosofia do Nós do Morro: tudo é real e tudo funciona ao mesmo tempo. Uma verdadeira ciranda que não pode parar!

TVMorrinho (www.clandesign.com.br/morrinho/mor_projetosocial.html)

O Morrinho é uma maquete de 120 m² localizada dentro da comunidade Vila Pereira da Silva no bairro de Laranjeiras, zona sul do Rio de Janeiro, mais conhecida como favela do Pereirão. O Morrinho foi imaginado como um brinquedo pelos garotos desta comunidade que imitaram em miniatura o universo que os cercava. Totalmente construída com restos de tijolos e outros materiais reciclados, a maquete reproduz em forma e conteúdo uma favela de verdade; verticalização, contenção de encostas, acessos estreitos assim como biroskas, quadras, bocas de fumo e batalhões de polícia fazem parte deste conjunto

impressionante. À parte a riqueza de detalhes que por si só já a caracterizariam como um espaço construtivo orgânico (tal qual são as verdadeiras favelas), ela ainda é "habitada" por centenas de bonecos feitos de blocos de LEGO que "vivem" um cotidiano próprio, determinado por um jogo criado pelos garotos. Se a maquete reproduz a ocupação de um espaço, o jogo simula o dia-a-dia da vida nas favelas cariocas, onde não faltam injustiças, balas perdidas e revolta social. Tal obra, que de maneira inusitada ainda ocupa de forma lúdica um espaço que de outra forma seria objeto de disputa por moradia, acabou por chamar a atenção de artistas, críticos e curadores e hoje pode de certa forma ser considerada uma instalação "espontânea" num sítio certamente muito específico.

Em 2001, durante as gravações de um documentário sobre a maquete, uma câmera digital foi emprestada aos garotos. A razão do empréstimo se deveu ao fato de que durante o jogo vários meninos se amontoavam sobre o cenário, tornando difícil a captação das imagens que em última instância também atrapalhava a brincadeira. De posse da câmera os garotos se soltaram e os bonecos (cujos personagens que representam são interpretados pelos próprios garotos) por sua vez passaram a interagir com a nova situação, imediatamente incorporando o cinegrafista ao enredo do jogo. Surgiu assim a TV Morrinho, de dentro da maquete. O sucesso dessa experiência inaugurou uma parceria entre os garotos do morro e a equipe do asfalto. Os garotos começaram a ser treinados no manuseio daquela nova tecnologia e a tomar contato com os meios de produção de um audiovisual. Surgiu à idéia da criação de um programa de capacitação profissional que os integrasse à sociedade produtiva. Por sua vez a equipe do documentário passou a freqüentar cada vez mais a comunidade e decidiu voltar o foco do filme, além da maquete, para os resultados obtidos dessa convivência onde tanto eles quanto os garotos, passam a ser co-autores de uma história que irá se desenvolver durante os dois anos seguintes.

A TVM sempre existiu por força da vontade de seus integrantes. As dificuldades inerentes da falta de apoio transformaram todas as suas produções em aventuras que apesar de certamente valerem a pena serem vivenciadas limitou muito as possibilidades embutidas na idéia que a criou. O projeto escola TVM pretende regularizar suas atividades e com isso atender um número maior de jovens de maneira mais efetiva.

Capítulo 3

A relação dos mídia-educadores com os grupos de jovens e o processo de formação

“Já agora ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo.”

(Paulo Freire, 1981).

Concordo com Moacir Gadotti, quando ele fala que o sucesso de um projeto de educação é facilitado quando o educador pertence ao meio dos educandos, pois desta forma é possível conhecer a realidade, tanto das condições objetivas do educando como: salário, emprego, moradia, como das condições subjetivas: a história de cada grupo, suas lutas, organização, conhecimento, habilidades, enfim sua cultura. Conhecendo-os na convivência e não apenas teoricamente. Mas nem sempre isso é possível, por isso é preciso formar educadores provenientes de outros meios não apenas geográficos, mas também sociais. Esses educadores precisam estabelecer um canal de comunicação com a comunidade, respeitando as condições culturais e realizando um diagnóstico histórico-econômico do grupo. É preciso entender, conhecer profundamente, pelo contato direto, a lógica do conhecimento popular, sua estrutura de pensamento em função da qual a aquisição de novos conhecimentos tem sentido. Só desta forma este educador, que não é da comunidade, conseguirá junto com os educandos construir conhecimento coletivamente.

A minha experiência com projetos possibilitou um aprofundamento no convívio com os educadores das mais diversas origens. O desenvolvimento destas pessoas e como construir uma metodologia de projeto em conjunto, focando no desenvolvimento humano, sempre foi um desafio, e neste sentido Freire (1995, p. 73) nos fala que *“humildade e tolerância são fundamentais”*. Humildade para aceitar que existem outras verdades e tolerância para aceitar e crescer na diversidade. Ou seja, apenas com flexibilidade e muita escuta conseguimos construir conhecimento em grupo. O estímulo a perguntar, a criticar, a criar, articulando o saber popular e o saber científico, mediado pelas experiências do mundo, forma a consciência de viver democraticamente em nossa sociedade. Ir

além de uma discussão crítica e chegar a uma prática inclusiva. Esse deve ser o desafio de todo o educador.

“A sociedade produz os sentidos e significados; os meios são somente uma condição para sua circulação. Se a sociedade nega a certos setores ou grupos que seus sentidos e modos de olhar o planeta possam circular ou competir, não é possível ter comunicação de qualidade, do ponto de vista democrático.” (Bernardo Toro, 2005).

Os entrevistados tiveram sua primeira experiência como educadores através de projetos desenvolvidos por ONGs. Estas organizações têm como foco de atuação o trabalho com mídia. Todos os educadores do primeiro grupo: Carlos Augusto, Lucina Melo e Luiz Carlos, tiveram uma experiência anterior frequentando oficinas ou participando de projetos que envolvem a produção de audiovisual e/ou a discussão sobre produtos audiovisuais. Neste momento aconteceu o que podemos chamar do “despertar” para os meios de comunicação e seu potencial transformador, e eles foram além, continuaram a buscar o aperfeiçoamento na técnica, ampliaram exponencialmente sua bagagem cultural: através da troca com profissionais da área, circulação pela cidade e contato com as diversas mídias, e então, partiram para a multiplicação do processo de aprendizagem construído na prática e na troca com os diversos grupos de educandos.

Carlos Augusto e Fabiana continuam trabalhando o processo de “despertar” com outros grupos, mas não promovem diretamente a formação. São capacitações de curto prazo, mas com uma troca muito intensa, devido ao forte envolvimento afetivo, pois eles moram na mesma comunidade e possuem a mesma origem cultural. As oficinas realizadas por eles são fundamentadas na prática e com uma metodologia bastante flexível e criativa. Existe um estímulo e até mesmo o encaminhamento, através de contatos de suas redes profissionais, para que os jovens busquem o ensino formal para se aperfeiçoarem: universidade ou cursos técnicos. Além de uma grande determinação em trabalhar questões de mercado de trabalho e valores morais e éticos – formação para a cidadania.

Ambos fazem parte da TV Tagarela, e através dela realizam oficinas para grupos de jovens e adultos. Nestas oficinas utilizam de suas percepções como educadores para identificarem pessoas que possuem potencial e vontade de se desenvolverem no audiovisual, para então, investirem na formação destes

indivíduos e trazerem eles para o núcleo da organização. Um exemplo disso foi contato por Carlos Augusto: *“... um jovem que participava de um grupo que tomava conta de uma boca de fumo da Rocinha, tinha um vocabulário muito pobre e não conseguia desenvolver uma argumentação. Os temas de sua conversa eram muito limitados. Após participar da oficina da TV, ele percebeu um outro mundo. Ficou no núcleo e participou de outras oficinas. Entrou na universidade, se formou. Hoje é poeta. Não participa mais do núcleo da TV Tagarela, pois fundou um núcleo literário na Rocinha. Seus amigos continuam trabalhando na boca e quando ele passa por lá, para, fala com eles, mas não consegue mais desenvolver uma conversa por muito tempo, conforme ele mesmo já me falou.”.*

Um outro exemplo é a história da Fabiana, que ela própria conta na entrevista: *“Na época que entrei na TV Tagarela fazia a oficina de vídeo, ainda não pensava em ser produtora. Naquela época não tinha essa quantidade de projetos com vídeo. A visão era que para favelado só podia ter curso de corte e costura e esporte, sem nenhuma formação para cidadania e mercado de trabalho. Minha formação para o audiovisual foi colocando a mão na massa, produzindo. Este processo foi mais rápido do que o de educador. A metodologia de educação veio da troca com outros educadores.” (...)* *“Se eu não trabalhasse na TV, provavelmente eu seria uma vendedora de loja, pois este é o mercado de trabalho que se abre para agente. No máximo seria a gerente da loja e cursaria administração.”.*

Este depoimento mostra as dificuldades que os jovens têm para vislumbrar as diversas possibilidades de emprego. A forte opressão do tráfico e da polícia não permitindo a circulação das pessoas, nem o acontecimento de eventos culturais diversificados na favela, o preconceito que elas enfrentam quando saem da comunidade, a falta de dinheiro para o deslocamento e a impossibilidade de transformação da educação presente, tanto na escola quanto na família, causa um empobrecimento cultural nestes jovens, além é claro, de uma baixa auto-estima por falta de valorização e pertencimento há uma identidade. No ano que passou tive a possibilidade de conviver com alguns jovens cariocas que pertencem a esta realidade. Muitos me falaram que não conheciam o centro do Rio, que nunca foram ao cinema, nem ao teatro, tinham medo de entrar num restaurante, pois não sabiam como agir. Toda essa situação faz com que os jovens fiquem cada vez mais presos a esses “guetos” e tenham muita dificuldade para seu

desenvolvimento pessoal. Com isso as possibilidades de mercado de trabalho se restringem ao comércio local, ao tráfico, a prostituição, ao mercado informal.

Portanto, se os jovens têm a possibilidade de ver outro mundo por meio de processos educacionais que valorizam o conhecimento do desconhecido, de outros contextos, concomitante à valorização do que lhe é familiar para a construção da sua identidade, inaugura-se um novo cenário e se abre uma nova janela para o mundo, sob o ponto de vista local e individual. A mídia, para isso, tem sido um importante instrumento. E o mídia-educador possui um papel fundamental na condução destes processos educacionais que devem ser construídos a partir de uma referência local para pensar o regional, o nacional, o internacional e o global. E para que tenha sucesso é imprescindível a parceria e o apoio de escolas, ONGs, movimentos sociais e culturais.

Estas parcerias devem orientar-se, e aqui me guio por Freire e pelo paradigma da educação popular do qual ele foi grande inspirador, através de algumas intuições fundamentais:

- a) a educação como produção e não meramente como transmissão do conhecimento;
- b) a defesa de uma educação para a liberdade, pré-condição da vida democrática. Neste ponto defino alguns tipos de liberdade: de expressão, de circulação, de opção de trabalho, de acesso à cultura;
- c) a recusa do autoritarismo, da manipulação, da ideologização que surge também ao estabelecer hierarquias rígidas entre o professor (*educador*) que sabe (e por isso ensina) e o aluno (*educando*) que tem que aprender (e por isso estuda);
- d) a defesa da educação como um ato de diálogo no descobrimento rigoroso, porém, por sua vez, imaginativo, da razão de ser das coisas;
- e) a noção de uma ciência aberta às necessidades populares (tecnologias sociais);
- f) um planejamento comunitário e participativo.

E como escreveu Moacir Gadotti: “*A qualidade em educação de jovens e de adultos deve ser medida pelo atendimento às suas necessidades educacionais e culturais. Não se trata de “repassar” para eles um saber já cristalizado e elitista. Trata-se de construir junto com eles um novo saber, realmente libertador e significativo para o projeto de vida de cada um dos educandos-educadores.*”.

Luiz Carlos, o terceiro entrevistado, possui uma história um pouco diferente, e mais parecida com a minha experiência. Sua formação como educador iniciou com o foco no conteúdo, na promoção da discussão de temas transversais com pessoas, que não estavam, necessariamente, buscando algum processo educativo.

Eu, quando trabalhava no canal Futura, tive a oportunidade de fazer a coordenação pedagógica do projeto Educação nos Trilhos, uma parceria da Fundação Roberto Marinho, através do canal Futura e a Companhia Vale do Rio Doce, através de sua fundação. O projeto também trabalha os temas transversais, mas com os usuários das duas linhas de trem da Vale: Estrada de Ferro Carajás, que liga São Luís/MA à Parauapebas/PA e a Estrada de Ferro Vitória – Minas, que liga Belo Horizonte/MG à Cariacica/ES. O projeto acontece em espaços chamados de Estação Conhecimento que ficam dentro das principais estações destas estradas de ferro. O conteúdo das oficinas vem da programação do canal Futura ou de grupos culturais locais, e a mediação/dinamização é conduzida por educadores. A seleção destes educadores foi realizada em conjunto com as secretarias de educação local, a maioria vinha do corpo docente destas secretarias. Realizamos uma primeira capacitação, que chamamos de seletiva, onde apresentamos a metodologia que já trabalhávamos dentro dos projetos de mobilização do canal e criamos um espaço onde todos puderam apresentar seu potencial e sua formação. Após a seleção, realizamos uma formação onde então, junto com o grupo, desenvolvemos a metodologia que seria trabalhada nas estações. As oficinas têm características próprias: um tempo muito curto, aproximadamente 40 minutos, um espaço público favorável à dispersão e com interferências diversas. Elaboramos dinâmicas de mobilização, de concentração e de descontração, ou seja, tentamos com isso criar um ambiente onde fosse favorável a troca entre os indivíduos. E então partimos para o principal desafio: fazer com que esses indivíduos se sentissem a vontade para colocar seus saberes dentro da discussão proposta. O educador trabalha com temas selecionados anteriormente, baseados em uma pesquisa prévia com os usuários. Este educador é um articulador, um promotor da prática diferenciada, que dinamiza a prática, promove a reflexão, estimula o debate, um intelectual no sentido Gramsciano.

Todo ano realizamos um seminário onde a metodologia é discutida e repensada. Com a participação de profissionais de diversas áreas que possam contribuir com a nossa prática. Além disso, escutamos os anseios e angústias dos

educadores, um momento de acolhimento, que promoveu o crescimento e fortalecimento do grupo. Desses encontros surgem propostas diversas: programas para o canal, uma rádio dentro do trem, oficinas e apresentações culturais em outros espaços que não sejam as estações como o trem e outros espaços nas cidades onde o projeto acontece. O espaço da estação foi aos poucos se transformando num ambiente cultural e de valorização do ser humano, ou seja, um espaço de educação.

O trabalho da estação com os usuários, como o trabalho que o Luiz realizou no início de sua formação, não possui uma continuidade com um determinado grupo, não é uma formação. Penso neste trabalho como pílulas de conhecimento, mas com o objetivo principal de promover o convívio entre as pessoas, mostrar as possibilidades de trocas de saberes existentes em cada um e estimular a prática da cidadania, através de uma discussão democrática.

A TV Maxambomba possibilitou ao Luiz sua formação técnica em audiovisual, o que permitiu que, ele hoje trabalhe na produção de conteúdos, por exemplo, para a Casa da Ciência em Botafogo. Lá ele produz conteúdo em vídeo e capacita professores no uso desta ferramenta pedagógica.

Já no CECIP ele desenvolve um trabalho, com grupos de jovens, muito parecido com o trabalho do Carlos Augusto e da Fabiana, mas com uma diferença: ele não mora na comunidade dos jovens. Geralmente são indivíduos de classe pobre de diversas regiões do Rio de Janeiro. O que ocorre é um estranhamento inicial causado pelo distanciamento cultural, mas como diz o entrevistado: *“Cabe ao educador promover o encontro.”*

Neste ponto vou entrar na questão da percepção do educador em relação aos jovens e os tipos de transformações observados. Os três educadores citaram como os principais temas discutidos pelos jovens e que fazem parte da sua produção durante as oficinas: violência, gravidez na adolescência, sexualidade, drogas, favela, alcoolismo, trabalho, tráfico, ou seja, o cotidiano deles. Esses temas demonstram o quanto “prisioneiro cultural” de suas realidades são esses jovens, pois em exercícios livres eles possuem muita dificuldade em utilizar a imaginação e propor temas que fujam do seu cotidiano. Além do que já foi comentado, a precariedade do ensino faz com que esses jovens tenham muita dificuldade na leitura e na interpretação do conteúdo lido, isso somado ao fato da falta do hábito da leitura, faz com que os jovens tenham uma limitação para imaginar outras

situações que fujam da realidade de seu cotidiano. Por isso esses educadores propõem capacitar esses jovens fazendo-os produzir e provocando a reflexão sobre esta produção. Esta prática realiza a transformação no modo deles se colocarem perante a sociedade em que vivem – atitude. O depoimento final do Luiz exemplifica essa afirmação: *“Os jovens quando percebem que podem produzir, transformam seu comportamento, potencializam suas vontades e aumentam suas possibilidades de troca.”*. Esta é uma das possibilidades de driblar as limitações citadas.

As novas tecnologias surgem no cotidiano destes jovens e logo tomam um lugar de muita importância, pois através delas o jovem pode se conectar ao mundo do qual é privado pelas circunstâncias. A internet, o celular, o DVD, o rádio, a TV, o cinema, os games trazem conteúdos muito mais interessantes e atraentes do que os da escola convencional. *“Toda essa tecnologia é um forte chamariz para os jovens. É o que consegue trazer o jovem para discutir e refletir.”* diz Luiz Carlos.

Concordo com Belloni quando ela fala que *“embora essas novas tecnologias ainda não tenham demonstrado toda a sua eficácia pedagógica, elas estão cada vez mais presentes na vida cotidiana e fazem parte do universo dos jovens, sendo essa a razão principal da necessidade de sua integração à educação”*, e ainda *“a mídia-educação contribui inestimavelmente para a transformação dos métodos de ensino e de aprendizagem”*, portanto esses educadores são a peça chave na mediação e articulação entre as novas tecnologias, os jovens e as instituições.

Início a análise do segundo bloco de entrevistados retomando um pouco da história de formação da Luciana Bezerra: nascida no Vidigal, estudou na escola do bairro e se formou no ensino médio. Aos 18 anos entrou para o Nós do Morro e começou a fazer teatro. Possui sua formação em arte educadora pelo Nós do Morro, onde trabalhou a educação através do teatro. Depois começou a estudar cinema no curso realizado pela Rosane Svartman na instituição. Aperfeiçoou-se através da prática, contato com profissionais da área e participação em outras oficinas. Hoje, está como coordenadora do núcleo de cinema, do qual foi uma das criadoras e possui alguns curtas, dirigidos por ela, com prêmios diversos.

A princípio, é uma história parecida com a dos dois primeiros entrevistados, mas ela traz dois conceitos muito fortes em sua entrevista: multiplicação e

continuidade. Um está ligado fortemente ao outro, pois a multiplicação vem da idéia de continuidade como fala a Luciana: “*Não preparamos as pessoas para ir embora, e sim formamos grupos, que trabalhem fora, mas também para o Nós do Morro, para a comunidade.*”. Provavelmente estes conceitos foram enraizados durante sua formação na instituição, e ela continua sua fala dizendo que estes jovens têm que ter um comprometimento com a filosofia da instituição: estudo, trabalho e responsabilidade.

Algumas diferenças marcantes entre o método desta instituição e o das instituições de ensino formal são: flexibilidade e participação no planejamento das atividades, a incorporação das tecnologias no dia a dia da formação e a realização de produções. Para o contexto dos jovens da favela essas diferenças são essenciais para sua permanência/envolvimento e conclusão do curso. “*Nós temos trabalhado uma metodologia bem realista.*”. O processo educacional é focado no indivíduo e não no conteúdo. Observa a necessidade de cada um, respeita a trajetória/tempo e o objetivo escolhido por cada pessoa do grupo. Existe um grande cuidado com o ser humano. E o resultado é a conquista da confiança, que naturalmente se expande à comunidade. “*A comunidade perdeu o preconceito em relação à arte e hoje em dia vê o trabalho do Nós do Morro com reconhecimento e orgulho.*”. Esta transformação é percebida pela educadora por seu pertencimento a comunidade. Ela aponta como referência ao trabalho com os jovens (21 anos da instituição no local) mudanças significativas no comércio local através de ofertas de serviços mais qualificados e especializados como: guia de turismo, produtoras de vídeo, estúdios de música, cine clubes, espaços de formação e discussão. E ainda, como exemplo de formação para o mercado externo a comunidade: uma jovem que começou sua formação no Nós do Morro, através do curso ministrado por ela, e hoje é pesquisadora do IBASE. E ainda, os diversos atores formados pela ONG e que hoje fazem estão trabalhando na TV Globo.

Mais para o fim da entrevista, a educadora traz a questão do hábito da leitura, praticamente inexistente nos grupos iniciantes e que é fortemente trabalhado na metodologia de formação. Esta é uma característica da metodologia de trabalho dela que não foi citada pelos outros entrevistados. Talvez pelo fato de sua mãe ter aprendido a ler com 70 anos.

Ela relaciona o fato destes jovens terem imaginação limitada com a falta do hábito de leitura. E cita como exemplo os exercícios de teatro onde eles só

conseguem imitar as questões de seu cotidiano, como citado nas entrevistas anteriores. Como uma solução imediata, ela convidou uma contadora de história, que depois foi incorporada a sua metodologia de formação, para exercitar a imaginação do grupo e teve um espanto ao descobrir que eles não conheciam a história da Branca de Neve. *“O livro te obriga a imaginar, te traz uma carga imaginativa.”*

Trago aqui uma reflexão sobre o método desta instituição: na minha percepção este espaço educacional funciona com um método semelhante à de uma universidade, pois forma o indivíduo, dando o tempo necessário ao seu desenvolvimento e formação. Estimulando a pesquisa, o estudo e a produção. Incentivando a leitura. E depois, abrindo a possibilidade dele continuar como educador/professor da instituição, participando das propostas de parcerias, produções coletivas, oficinas e “workshops”.

A formação intercultural

Através da relação de formação construída entre a Luciana Bezerra e a Rosane Svartman, minha quinta entrevistada, exemplifico o que quero dizer com formação intercultural. A Rosane, após a realização de um curta com o grupo de teatro do Nós do Morro, vem a idéia de montar um curso de cinema com os atores do grupo, pois estes tinham curiosidade em saber o que acontecia atrás das câmeras. A Luciana fazia parte deste grupo. Em muitos grupos, os movimentos sociais são quem desenvolvem as práticas educativas e no Nós do Morro esta prática veio de um artista, o Guti Fraga (um dos fundadores da ONG), com um método bem informal. Sem uma formação pedagógica. Diz a Rosane. Ela chegou neste ambiente e iniciou sua formação como educadora em conjunto com este grupo que também buscava sua formação. Ela trazia os exercícios que foram apresentados a ela na faculdade, e em conjunto, transformavam para aquela realidade.

A Nadir Esperança Azibeiro, através de seu texto “Educação popular e os movimentos sociais” traz, nos dois parágrafos a seguir, exatamente o significado que quero dar para formação intercultural:

“Nesse sentido não é difícil entender que o diálogo entre grupos ou pessoas de culturas diferentes é mais possível quando cada um respeita a lógica cultural

do outro – embora respeitar nem sempre signifique aceitar ou assumir como própria. É assim que começamos a entender a intercultura. Ainda muito embrionariamente tratada entre nós, a interculturalidade retoma as questões da pluralidade cultural, ultrapassando os pressupostos assimilacionistas, que dão ênfase ao sincretismo e à mistura de raças e culturas, como também aos discursos e práticas estereotipados, preconceituosos e discriminatórios, em busca da compreensão da dinamicidade e hibridismo culturais que leve à efetiva valorização de uma cidadania plural (CANEN, 1998).”

“Enquanto a multiculturalidade dá ênfase às diferenças, correndo às vezes o risco de cristalizá-las, a intercultura propõe à interação, que não mascara nem dilue a diversidade, mas explicita os jogos de força e as relações de poder que levam às sínteses culturais, reafirmando a riqueza da pluralidade e o respeito pelo diferente, não como concessão, mas como reconhecimento de seu valor. Tendo como ponto-de-partida a intenção do encontro, compreensão e convivência com o diferente, a intercultura exige a abertura que possibilita o respeito e a solidariedade. Ao mesmo tempo, sendo fruto da deliberação explícita dos grupos envolvidos, leva-os a uma nova coesão interna e redescoberta da vantagem e prazer de estar junto e agir em conjunto. Aos poucos se vai adquirindo a compreensão de que ter interesses comuns não significa ser absolutamente iguais em tudo, descobrindo-se que o próprio grupo não é um todo homogêneo e uniforme, um amálgama em que se diluem as especificidades e singularidades. Ele mesmo é múltiplo e pluricultural, e essa diversidade faz crescer o seu potencial, por exigir continuamente a reflexão e superação dos impasses.”.

Como parte de um processo em permanente construção a metodologia que a Luciana e a Rosane praticam está em constante modificação. Ela é replicada, aperfeiçoada e modificada através dos multiplicadores, novos grupos de educandos e profissionais, de dentro e de fora da comunidade, de outras classes e com outras experiências. E com isso essa metodologia se propaga e continua formando indivíduos através do convívio e da troca franca e afetiva. Fortalecendo e ampliando redes. E diminuindo a distância que separa o conhecimento formal, acadêmico do saber popular.

Meu último entrevistado, Fábio Gavião, exemplifica muito bem este processo educacional baseado na formação intercultural, com o projeto da TV Morrinho. Ele deixou bem claro, durante a entrevista que ele não é um educador,

não possui nenhuma didática, mas em dado momento teve interesse em trocar com uma outra cultura. Esta intenção junto com a do grupo dos jovens promoveu a construção de uma nova realidade. Transformou as relações entre o “asfalto” e a “favela”. Destruiu preconceitos de ambas as partes. E permitiu o desenvolvimento de um relacionamento profissional entre culturas que talvez nunca se encontrassem. Essa “ponte” entre lugares, pessoas, culturas diversos é significada através de conceitos e processos de mídia-educação. *“A mídia-educação é uma necessidade prioritária, num país em que mais de 80% da população acumula informação através do audiovisual, eu acho essencial. É a educação do futuro.”* diz Fábio.

Em todas as entrevistas fiz as perguntas: para você, o que é mídia-educação? E: você se acha um mídia-educador? Nenhum deles tinha um conceito elaborado sobre mídia-educação, a maioria faz uma ligação direta com publicidade, mas todos falaram de uma forma positiva sobre o conceito, após minha explicação sobre o termo. Em relação à segunda pergunta, mesmo alguns não sendo diretos na resposta, todos no final se acharam mídia-educadores. Aqui mostra novamente a importância da aproximação da teoria desenvolvida na academia com os saberes desenvolvidos nos espaços populares.

Todos esses educadores não buscaram referenciais teóricos na academia sobre como trabalhar com a mídia e com a educação, possuem sua formação baseada na prática e na troca com os diversos grupos. Mas eu fui à academia, e neste um ano e meio do curso pude absorver fundamentos que me dão segurança teórica para afirmar que esses educadores, mesmo que intuitivamente, fazem um trabalho de mídia-educação. O mídia-educador é aquele educador que traz as novas tecnologias para dentro dos processos educacionais e desenvolve uma metodologia que responsabiliza os jovens pelo seu desenvolvimento pessoal, e ainda, os faz desenvolver um compromisso com um posicionamento crítico perante o conteúdo recebido e produzido.

Conclusão

Um processo educativo que tem o objetivo de ser libertador é fundamentalmente dialógico. É realizado em grupos. E não existe a figura do professor e sim a do mediador. É um processo generoso que valoriza a pesquisa das necessidades surgidas do grupo. Ensina a colaboração, a união e a organização. E neste contexto é que se forma o educador popular. Trazendo esse educador para os espaços e atividades de produção, recepção, reflexão crítica e discussão da mídia; defino-o como um mídia-educador popular.

Estes educadores possuem um papel fundamental na criação de possibilidades de “pontes de comunicação” que abrem para o diálogo intercultural, e que promove a expansão do pensamento e de ação de cada indivíduo do grupo, formando seres políticos que de dentro das instituições públicas, movimentos sociais e ONGs criam possibilidades de pressionar governos no desenvolvimento de políticas públicas favoráveis a implementação de projetos educativos, sociais, culturais, de geração de renda, dentro das favelas e na periferia.

No Rio de Janeiro, como em todo o Brasil, esses grupos formados por educandos e educadores, jovens e adultos, estão cada vez mais se apropriando das novas tecnologias e formando ambientes propícios para a aprendizagem. Desenvolvendo empiricamente métodos educacionais através de projetos sócio-culturais. Um exemplo são as escolas de formação crítica que surgem nas favelas em parceria com instituições privadas e o poder público para desenvolver jovens que reflitam criticamente sobre si mesmo e o mundo ao seu redor.

Como teóricos desses novos conceitos, teorias e idéias; temos que estar muito atentos para estas experiências. E o contato com o mídia-educador popular e os grupos com os quais ele trabalha é essencial para que possamos registrar e sistematizar, e com isso desenvolver estudos que fortaleçam e divulguem estas práticas.

BIBLIOGRAFIA

Belloni, Maria Luiza. O que é mídia-educação. Campinas/SP: Autores Associados, 2001.

Freire, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

Freire, Paulo. À sombra desta mangueira. São Paulo: Olho D'água, 1995.

Levy, Pierre. Cibercultura. São Paulo: editora 34, 1999.

Toro, Jose Bernardo. A construção do público: cidadania, democracia e participação. Rio de Janeiro: editora Senac Rio: (X) Brasil, 2005.

Velho, Gilberto (org.). Rio de Janeiro: cultura, política e conflito. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

Projeto de dinamização da Estação Juventude – Formação de Articuladores Sociais – caderno 2 – Fundação Roberto Marinho.

Aulas do curso Mídia, Tecnologia da Informação e Novas Práticas Educacionais – PUC - Rio.

Textos recebidos em sala de aula ou retirados da internet:

Azibeiro, Nadir Esperança. Educação popular e movimentos sociais: o que têm feito às assessorias?

Bannell, Ralph Ings. Cidadania, identidade e linguagem: interculturalidade entre o universal e o particular;

Barbosa, Rita Cristina. Educação popular e a construção de um poder ético;

Gadotti Moacir. Formação de pessoas adultas - A última experiência de Paulo Freire.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.